

TÍTULO DO TRABALHO			
<b>O SENTIDO DOS FRACASSOS DAS EXPERIÊNCIAS ORIENTADAS PELA IDEIA COMUNISTA SEGUNDO ALAIN BADIOU</b>			
AUTOR	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Jenifer Bello	Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia	CEII	Militante
RESUMO (ATÉ 150 PALAVRAS)			
<p>Como interpretar os fracassos das experiências orientadas pela ideia de comunismo aproveitando o que eles têm a nos ensinar para a nossa prática política hoje? Com base na filosofia de Alain Badiou sobre os processos de verdade (O ser e o evento) e a inscrição destes no mundo (Lógicas dos mundos), o objetivo deste trabalho é esclarecer o significado e o estatuto da noção de fracasso no que tange às práticas políticas declaradas comunistas. Para tanto, examinaremos: 1) o discurso ideológico sustentado na propaganda de que comunismo é sinônimo de totalitarismo, 2) o estatuto da noção de fracasso como sendo o de uma hipótese científica, 3) a concepção política da História (nem científica, nem filosófica) e 4) a dimensão subjetiva inerente à política.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ 3)			
ABSTRACT (ATÉ 150 PALAVRAS)			
KEYWORDS (ATÉ 3)			
EIXO TEMÁTICO			
Marxismo, Insurreições e Revoluções: Teoria e História			

O sentido dos fracassos das experiências orientadas pela ideia comunista segundo Alain Badiou

Jenifer Bello<sup>1</sup>

Luta, fracasso, nova luta, novo fracasso, mais uma vez  
nova luta, até a vitória.

Mao

O que é ser comunista hoje? Tivemos, por exemplo, a Comuna de Paris em 1871, primeiro governo operário da história, inspirado na Primeira Internacional dos trabalhadores, mas que só durou quarenta dias, em parte, por causa das forças contrarrevolucionárias; a grande revolução de 1917, que derrubou a autocracia russa e levou ao poder o partido bolchevique, de Lênin, mas cuja organização do que veio a ser o primeiro país socialista do mundo (a URSS), com Stalin, resultou no que ficamos conhecendo como stalinismo; a Revolução Cultural na China iniciada com Mao em 1966 e declarada como terminada pelo mesmo em 1969, mas que prosseguiu e só terminou efetivamente em 1976 com a morte do grande líder. Será que hoje não seriam mais possíveis práticas militantes orientadas pela ideia de comunismo?

O diagnóstico do nosso mundo atual, assumido tanto pela direita liberal, quanto pelos próprios “esquerdistas” é de que o comunismo fracassou *totalmente*. Desde meados dos anos 1970, com o que se chamou o “refluxo da ‘década vermelha’” – marcada pelas lutas de libertação nacional no Vietnã e na palestina; o movimento mundial da juventude estudantil; as revoltas de fábrica na França e na Itália e a Revolução Cultural na China – a política reduziu-se a uma assunção irrestrita da ordem capital-parlamentar, baseada na convicção de que “querer mais é querer pior”. (BADIOU, 2012, p.7)

Os argumentos dados hoje pelos “novos filósofos” (ex-comunistas e liberais) para justificar esse conformismo político coincidem, no entanto, com os argumentos do anticomunismo norte-americano dos anos 1950: a) os regimes socialistas são despotismos infames, ditaduras sanguinárias; b) dentro da ordem do Estado, devemos opor a esse “totalitarismo” socialista a democracia representativa, que é imperfeita, sem dúvida, mas de longe é a forma menos ruim de poder; c) dentro da ordem moral, filosoficamente a mais importante, devemos pregar os valores do “mundo livre”, cujo

---

<sup>1</sup> Membro do CEII, graduada em Filosofia e Psicologia, mestre em Psicanálise, professora de filosofia e psicanalista.

centro e fiador são os Estados Unidos; d) a ideia comunista é uma utopia criminosa, que, tendo fracassado em todo o mundo, deve ceder o lugar para uma cultura dos “direitos humanos” que combine o culto da liberdade (inclusive, e em primeiro lugar, a liberdade de empreender, possuir e enriquecer, fiadora material de todas as outras) e uma representação vitimária do Bem. (BADIOU, 2012, p.7)

Se, atualmente, não existe mais nenhum Estado poderoso que reivindique para si o comunismo ou mesmo o socialismo, isso não significa, entretanto, o fim de artifícios retóricos voltados contra qualquer posição que supostamente encarne o que seria a essência do comunismo, o totalitarismo. Nesse movimento anti-totalitarismo temos, por exemplo, a atual “guerra contra o terrorismo”. Esta é erigida pelos EUA contra todos os regimes ditos fundamentalistas e anti-democráticos, bem como pela França em sua “cruzada anti-islamita” em nome de um Estado laico e democrático. Não podemos esquecer a recente manipulação da mídia aqui no Brasil contra os manifestantes que, desde a Jornada de junho de 2013, vão às ruas e são rotulados como terroristas. Quando as manifestações e as reivindicações preservam o *status quo* e perseveram no ser, de animal mortal, são consideradas “pacíficas”; mas, quando elas tomam um rumo que ameaça o *status quo* e, ao invés de perseverar no animal mortal, abrem a via para que este torne-se um sujeito imortal, trata-se de vandalismo e terrorismo.

A atual luta anti-totalitarismo está baseada, assim, na “amalgama de Hitler com Stalin e Bin Laden”. A nossa democracia liberal parlamentar promove-se às custas de uma “fantasia” totalitária. E desde a crise financeira do capitalismo em 2009, quando este teve de moderar a sua pretensão “democrática” com as seguintes medidas: a) muros e arames farpados antiestrangeiros, b) mídia corrompida e subjugada, c) prisões superlotadas e d) leis perversas, a máquina ideológica da liberdade e dos direitos humanos passou a se sustentar com menos ainda, num simples enunciado negativo: “os socialismos, únicas formas concretas da ideia comunista, fracassaram totalmente”. (Badiou, 2012, p.8)

Este suposto fracasso *absoluto* é o que nos deixa sem escolha: devemos aceitar integralmente a democracia liberal parlamentar. É por isso que hoje aceitamos, conformados, as seguintes medidas do capitalismo de Estado: a) salvar os bancos sem confiscá-los, b) dar milhões aos ricos e nada aos pobres e c) jogar os nativos contra os operários de origem estrangeira. Todas essas medidas estão a serviço da realização de

um único e mesmo objetivo: “administrar de perto todas as misérias, para que as potências sobrevivam”.

Não é o mesmo que testemunhamos aqui no Brasil, e nos países ditos subdesenvolvidos, com o que Zizek chama de “a revolta da burguesia assalariada”, onde se joga os trabalhadores empregados contra aqueles desempregados? E correlato ao subsídio dado pelos Estados desenvolvidos aos bancos em iminência de falência durante a crise financeira, não teríamos aqui, e nos demais países que compõem o chamado terceiro mundo, o comprometimento permanente e inquestionável com o pagamento da dívida externa em função do qual os nossos Estados estão muito mais a serviço dos bancos centrais do que a serviço do povo? Por fim, seguindo a mesma lógica de obediência irrestrita ao capital, não testemunharíamos aqui o apoio incondicional do nosso Estado aos ricos, aos grandes empresários internacionais, aos ruralistas e à classe política, ao invés dele apoiar medidas que efetivamente ponham um fim na desigualdade econômica e social?

Diante dessa resignação frente à democracia liberal parlamentar, em função da qual experimentamos o papel ascendente do Estado capitalista beneficiando diretamente aos ricos e tomando medidas populistas para calar aos pobres, é urgente refletir sobre a noção de *fracasso* da ideia comunista, noção esta que supostamente justificaria nosso nihilismo político .

“O que significa exatamente “fracassar”, quando se trata de uma sequência da História em que essa ou aquela forma da hipótese comunista é experimentada? O que quer dizer exatamente a afirmação de que todas as experiências socialistas sob o signo dessa hipótese “fracassaram”? Esse fracasso é radical, isto é, exige o abandono da própria hipótese, a renúncia de todo o problema da emancipação? Ou é apenas relativo à forma, ou à via, que ele explorou e em que ficou estabelecido, por esse fracasso, que ela não era a forma certa para resolver o problema inicial?”. (BADIOU, 2012, p.9)

Para evitarmos a repetição do fracasso e efetivamente aprendermos com ele, é necessário que examinemos em que consistiu a experiência fracassada do partido comunista bolchevique leninista, que acabou cedendo à sua burocratização com Stalin, e, ao invés do Estado servir ao povo, este é que passou a servir àquele.

Segundo Badiou (2012), os fracassos relativos à ideia de comunismo não são absolutos, isto é, não marcam o seu esgotamento ou fim definitivo. Ao contrário, tais fracassos possuem o mesmo estatuto de uma hipótese científica matemática. Da mesma forma que um problema científico, enquanto não é resolvido, assume a forma de uma

hipótese a partir da qual inúmeras tentativas de justificação se revelam frutíferas independente do fato de a terem efetivamente demonstrado, “o(s) fracasso(s), desde que não provoque o abandono da hipótese [da ideia comunista], é apenas a história da justificação dessa hipótese”. Isso quer dizer: para quem não se deixa iludir pelo uso propagandista da noção de fracasso – o fracasso é absoluto -, o aparente fracasso de acontecimentos profundamente ligados à hipótese comunista foram e ainda são etapas de sua história. (p.10)

É importante ressaltar que a noção de fracasso entendida como “a *história* da justificação de uma hipótese” requer que se examine a história do ponto da política. Para tanto, devemos abandonar a concepção de história como uma ciência autônoma capaz de descrever objetivamente uma sucessão de fatos, ou mesmo, a sua concepção filosófica proposta por Heidegger, segundo a qual a história teria um caráter ontológico e constituiria o horizonte de sentido de uma época, o que o filósofo alemão chama de *historial*. Nem científica, nem filosófica; para Badiou, a compreensão dos acontecimentos políticos exige um “*pensamento da historicidade*, quer dizer, da História examinada do ponto da política”. É essa ordem de pensamento que o filósofo francês propõe como a chave interpretativa dos acontecimentos reputados impensáveis do ponto da filosofia, como o extermínio dos judeus no nazismo, bem como o terror sangüinário no qual recaíram alguns regimes socialistas.

“Se a filosofia é incapaz de pensar o extermínio dos judeus da Europa, é porque não é seu dever nem está em seu poder pensá-lo. É que cabe a uma *outra ordem de pensamento* tornar efetivo *esse* pensamento. Por exemplo, ao pensamento da historicidade, quer dizer, da História examinada do ponto da política”. (Badiou, 1991, pp.3-4)

Desse ponto, o fracasso da ideia comunista assume uma natureza dialética: “Uma derrota revolucionária é sempre dividida entre a **parte estritamente negativa** dela mesma, acusada com frequência no próprio momento (mortes, prisões, traições, perda de força, dispersão...), e a **parte positiva**, que em geral demora para se fazer valer (balanço tático e estratégico, mudança de modelos de ação, invenção de novas formas de organização...)”. (Badiou, 2012, p.11)

Além disso, é somente deste ponto, onde a política é unida a sua historicidade, ao invés de ser considerada em sua pura interioridade, pensante ou tática, que temos a possibilidade de superar subjetivamente a derrota e refletir sobre os fracassos.

Existe uma lógica dos fracassos da ideia comunista. Lógica esta que apreende as duas formas subjetivas do fracasso. O fracasso ligado ao medo do poder, isto é, aquele que se atém ao momento revolucionário, disruptivo e destruidor da ordem vigente mas teme instaurar uma nova ordem. E o fracasso que teme, ao contrário, a destruição revolucionária, e prefere estabelecer uma formação de compromisso com a situação, onde a ordem vigente lhe concede uma parte do poder para realizar seus projetos socialistas. De um lado, o fracasso dos últimos sobressaltos do socialismo de Estado e das lutas armadas que recaíram numa violência indefensável; do outro lado, o fracasso dos partidos socialistas que cederam ao poder vigente em nome da social-democracia.

De acordo com Badiou temos, de um lado, o fracasso da “extrema-esquerda”, aquele que, tratando com brutalidade e morte qualquer contradição, mesmo a mais ínfima, encerra todo o processo nos sombrios limites do terror, e, de outro, o fracasso clássico de direita: a adesão dos cansados da ação militante às delícias do poder parlamentar. (Badiou, 2012, pp.15-16)

Segundo Badiou, a universalidade proposta por Paulo traça uma diagonal nas oposições entre judeu e pagão; homem e mulher; livre e escravo. O cristão não precisa ser nem judeu, nem pagão, é indiferente se é o homem ou mulher, e o que conta não é ser livre ou escravo. Esta mesma diagonal precisa ser traçada entre os dois fracassos da ideia comunista, o da extrema-esquerda e o da direita: A ideia comunista não deve se prender à particularidade tradicional e assumir como intransponíveis as leis da economia de mercado e a democracia, nem ter como único desafio a destruição dessas particularidades. “Resistamos simultaneamente ao fascínio dos poderes estabelecidos e ao fascínio de sua destruição infecunda”. (Badiou, 2012, p.16)

Traçando uma diagonal entre os fracassos de extrema-esquerda e de direita Badiou coloca na boca de sua persogem Paula, em sua peça “O incidente de Antioquia”, as suas palavras, que representam a sua própria posição política:

“Não pense que trago uma receita. Já que durante tanto tempo o impasse foi o de que a política tinha seu centro e sua representação apenas no Estado, eu digo que vocês devem forçar esse impasse e fazer com que a verdade política circule duradouramente em um povo... Descubram aqueles que importam. Sigam o fio do seu discurso. Organizem a sua consistência, com o fito do igual. Que haja nas fábricas núcleos da convicção política. Nas cidades e no campo, comitês da vontade popular. Que eles transformem o que é e elevem-se à generalidade das situações. Que eles se oponham ao

Estado e aos comerciantes desonestos da propriedade, na medida exata de sua força imanente e do pensamento que eles exercem”. (apud. Badiou, 2012, p.20)

A política, para Badiou, deve se subtrair do Estado: “A política é unir em torno de uma visão política, subtrair da dominação mental do Estado”. Apostar ainda no Estado é “confiar na velha hipótese depois de uma história errante”. Posto isso, o que fazer?

Segundo as palavras de Mao: “Ousar lutar, ousar vencer”. Donde extraímos o que não se deve fazer, ou melhor; repetir: Não temer lutar, não temer vencer. Estes são os grandes fracassos subjetivos da ideia comunista: o medo de lutar (que leva ao fracasso de direita) e o medo de vencer (que conduz ao fracasso de extrema-esquerda). Medo da revolução e medo do poder. Ambos baseados na suposta identidade entre política e Estado.

Precisamos aprender, então, com os fracassos. Além de evitar a repetição das duas formas subjetivas de fracasso, é necessário discerni-los conforme eles ocorreram no devir das políticas de emancipação. E extrair daí o que eles constroem positivamente para a ideia comunista. Desse ponto, eles não são dois, mas três tipos de fracassos bastante distintos:

1) O fracasso devido à força contrarrevolucionária, como, por exemplo, o dos espartaquistas em Berlim, após a guerra de 1914, em que morreu Rosa Luxemburgo. O problema desse fracasso é sempre a chamada “relação de forças”: de um lado, o grau de organização dos destacamentos populares, e de outro, a oportunidade do momento no que diz respeito à desorganização da força do Estado. O balanço positivo desse tipo de fracasso é a construção de novas disciplinas para o sucesso insurrecional. O exemplo paradigmático dessa apropriação positiva da derrota é o encaminhamento histórico do balanço da Comuna de Paris.

2) O fracasso oriundo de um amplo movimento sem que se estabeleça um objetivo de poder. O problema desse fracasso é que, quando as forças do Estado reacionário recuam não se sabe qual é a natureza da ação a ser realizada e quais são as suas consequências. Isso aconteceu com o movimento Fronda, no início do século XVII, na França, bem como no movimento de 1911 na China e no Maio de 1968. O balanço positivo desse tipo de fracasso é a construção de um traço e de um projeto, com base na antecipação de suas consequências, que marque assim a diferença entre uma mudança puramente imaginativa e um corte decisivo na concepção que se deve ter do que é uma política libertadora.

3) O fracasso tributário da tentativa de mudar o Estado. Deste fracasso resulta ou a restauração do terrorismo do Estado-partido, ou o abandono puro e simples de qualquer referência ao socialismo. Como exemplo temos o “socialismo de rosto humano” na Checoslováquia, esmagado pelo Exército soviético em 1968, bem como a Grande revolução Cultural Proletária que animou o maoísmo francês entre 1965 e 1976.

A análise badiouina dos fracassos da ideia comunista não se inscreve como uma *análise política*, uma vez que, para tal, seria o caso de pensar internamente um processo político organizado, e tampouco como uma *filosofia política*, cujo objetivo é fundar a política impondo-lhe normas morais do que é o poder “correto”, o Estado “correto”, a democracia “correta” etc. A proposta de Badiou é, “por meio das particularidades da noção de fracasso em política, precisar a forma genérica que todos os processos da verdade assumem, quando encontram os obstáculos inerentes ao ‘mundo’ em que se desenrolam”. (Badiou, 2012, p.25)

O livro “São Paulo: a fundação do universalismo” fornece a forma genérica assumida por todos os processos de verdade diante dos obstáculos subjetivos que tendem a reduzi-los a uma particularidade interna à situação ou a uma negatividade irreduzível e sem consistência. Já o livro “A hipótese comunista” visa estabelecer a forma genérica da inscrição desses processos de verdade no mundo, quando este apresenta obstáculos à sua efetuação.

Esses obstáculos do mundo não são encarados como um impedimento externo à realização dos processos de verdade. É importante ressaltar que os obstáculos à realização de uma Ideia no mundo são muito mais internos ao seu processo do que externos. Trata-se, assim, muito mais de fracasso do que propriamente de obstáculo. Enquanto a noção de obstáculo pode passar a ideia equivocada de que se trata de um impedimento externo e objetivo que não teria nada a ver com os processos de verdade propriamente ditos, a noção de fracasso está mais próxima da ideia de uma implicação dos próprios processos de verdade nos obstáculos que enfrentam para a realizar sua inscrição no mundo.

Nesse contexto de realização da Ideia no mundo, a forma genérica do seu fracasso é pensada a partir do conceito de “ponto”: “Um ponto é um momento de um processo de verdade (por exemplo, de uma sequência política de emancipação) em que uma escolha binária (fazer isso ou aquilo) decide o devir de todo o processo” (Badiou, 2012, p.25).

Segundo Badiou, todo fracasso relativo à inscrição de uma Ideia no mundo está referido ao tratamento inadequado de um ponto. O fracasso pode ser localizado em um ponto. E uma vez localizado, por meio da delimitação do *espaço* dos fracassos possíveis, ele passa a servir como uma lição que se incorpora na universalidade positiva da construção de uma verdade. Esta atribuição do fracasso a um ponto localizável do processo de verdade do qual se extrai uma positividade para a realização desta verdade no mundo se opõe diretamente ao uso propangandista da noção de fracasso onde este é considerado como global e absoluto.

Contra as propagandas de que “a hipótese comunista não passa de uma quimera impraticável” ou de que “os socialismos, únicas formas concretas da ideia comunista, fracassaram totalmente”, Badiou sustenta que os fracassos da ideia comunista são pontuais e passíveis de serem localizados e compreendidos, e que, realizando essa tarefa podemos superar os fracassos e pensar o ponto em que daqui para frente seremos proibidos de falhar.

### **Bibliografia:**

BADIOU, A. Manifesto pela filosofia. Rio de Janeiro: *aoutra* editora, 1991.  
\_\_\_\_\_. A hipótese comunista. São Paulo: Boitempo, 2012.